

3.9. Camada 9

Nível constituído por terras de cor castanha avermelhada (10R 3/6), muito compactas, com potência de 0,200 m a 0,400 m. A sua cota inferior atingiu 5,57 m abaixo do nosso ponto 0, não se tendo ainda alcançado o substrato rochoso.

Não ofereceu quaisquer materiais arqueológicos.

3.4. Síntese

A alcáçova de Silves revelou-se, durante o decorrer das investigações que ao longo da última década ali temos processado e tal como esperávamos, local ímpar no território hoje português para o estudo das sociedades islâmicas e islamizadas, dada a abundância e variedade dos testemunhos ali legados por aquelas ao longo de meio milénio.

Apesar de se tratar de área palatina, onde melhor se encontram representadas as estruturas, como os artefactos usados pelas elites, também nela confluíram os reflexos da vida urbana que a circundava e das comunidades rurais que se desenvolveram sob a sua influência.

Restos arquitectónicos e materiais arqueológicos, muito diversificados, reflectem aquela amálgama, onde se rastreiam contributos tanto materiais, como culturais ou ideológicos, autóctones a par das prestações de procedência exógena.

A enormíssima quantidade de informação disponível, agora registada e em boa parte estudada, permitirá, certamente, novas abordagens, a partir de outras perspectivas interpretativas ou recorrendo a técnicas mais sofisticadas de análise. Entre as principais lacunas, que nós próprios reconhecemos mas assumimos não ter capacidade para preencher, encontra-se o estudo da importantíssima colecção de ecofactos, que muito contribuirá para o conhecimento de quinhentos anos da vida, económica e social, das populações residentes na alcáçova.

Conforme tínhamos sugerido anteriormente, o Castelo de Silves, tal como se nos apresenta, é, em termos arqueológicos, resultante de longa série de ocupações humanas, denunciadas por restos de estruturas, de pisos e de camadas, contendo espólios diversos mas, também, de algumas construções ainda bem conservadas, que se sobrepõem ou adossam, constituindo longa série estratigráfica, correspondendo ao que, no Oriente, se tem vindo a designar como *tell* ou colina artificial.

A longa história deste arqueossítio começou, senão antes, pelo menos no Período Romano, conforme alguns testemunhos dispersos indicam. Todavia, a sequência estratigráfica por ora observada, evidenciou que a sua ocupação se iniciou apenas no século VIII, desenvolvendo-se, sem hiatos ocupacionais, até meados do século XIII (Período Almoada - Terceiras Taifas), momento ao qual pertence grande parte dos dispositivos defensivos visíveis e das construções exumadas. A episódio subsequente, correspondendo a ocupação cristã, fazem parte raras estruturas e alguns materiais arqueológicos, sendo escassos os testemunhos ulteriores, período onde constitui excepção importante campanha de obras atribuível ao reinado de D.João I.

Uma das primeiras constatações, que julgamos da maior importância, concerne à possibilidade de, através da análise arquitectónica e arqueológica, podermos considerar diferentes fases na edificação das muralhas, torres e portas da alcáçova de Silves, mesmo apesar dos emascaramentos provocados pela profunda campanha de restauros, de meados do passado século, que lhes conferiu o aspecto aparentemente homogéneo que apresentam. Alguns equipamentos encontrados no seu interior (cisternas, poço e silos), tal como os restos de estruturas habitacionais descobertos, ajudam-nos àquela caracterização.

Sucedendo a ocupação do século VIII e dos inícios do século IX (camada 8), evidenciada por conjunto coerente de testemunhos, por certo com carácter habitacional e correspondendo a população com forte poder económico, ter-se-á iniciado a construção de um recinto fortificado, nos finais do século IX ou durante os inícios da centúria seguinte. Tal edificação é testemunhada pelo longo pano de muralha recto, hoje existente do lado poente da alcáçova, defendido por torres adossadas e nas extremidades por grandes torres de ângulo, de onde arrancam restos de paramentos perpendiculares ao antes referido. A entrada deveria situar-se ao centro do grande pano de muralha, defendida, de cada um dos lados, por torres e na continuação de uma das principais artérias ainda existentes na cidade, que dali conduzia à denominada Porta da Azóia. Esta via subsiste em parte, encontrando-se outro sector da mesma fossilizado na actual rua do Saco.

Conforme indicámos, os aspectos arquitectónicos e construtivos, onde se destaca a regularidade do aparelho, tão característica do Período Califal, como os paralelos evidenciados com a alcáçova de Mérida, ajudam a confirmar a cronologia por nós conferida.

Integrou a mesma campanha de edificação a regularização do terreno onde hoje se ergue a alcáçova, acção com expressão estratigráfica, dado que aos níveis de entulhos do século VIII e dos inícios do século IX se sucede um outro, estéril em materiais arqueológicos (camada 7), sobre o qual assenta um terceiro (camada 6) do século IX ou dos inícios da centúria seguinte, devendo ser contemporâneo das obras que temos vindo a referir.

Aquela estrutura defensiva foi incluída em programas ulteriores, com diferentes concepções, dado evoluir, de plano com rígida planta rectilínea para a edificação do recinto poligonal que hoje se observa, seguindo as curvas de nível de esplanada artificialmente aplanada, ocupando a extremidade nascente do topo da elevação onde se encontra.

Algumas grandes torres adossadas serão do Período Almorávida, entre as quais a situada junto à escavação que efectuámos e que comunicava com a casa ali exumada.

Por fim, as torres albarrãs e a actual porta principal de entrada na alcáçova integram um terceiro grande programa de obras, que podemos datar no período de dominação almoada, tanto antes da conquista cristã de 1189 como ulterior. Um primeiro momento, decorrido entre cerca de 1173 e 1189, foi contemporâneo de grandes remodelações efectuadas nas muralhas da medina, enquanto ao segundo pertencem, também, novos reforços na estrutura defensiva da medina, nomeadamente na porta dita do Sol, datada por lápide de 1227, e que devemos pôr em estreita relação com transformações efectuadas na actual principal entrada na alcáçova, situada a pouca distância.

Importa referir que a porta antes mencionada pode corresponder, pelo menos, a dois episódios construtivos. O primeiro, atribuído ao Período Almorávida, integra dispositivo constituído por duas torres, uma delas pertencendo à fase inicial de edificação da alcáçova, defendendo porta de entrada direita, enquanto ao segundo, do Período Almoada, podemos fazer corresponder a cobertura abobadada, com mata-cães, e o conjunto de seteiras da parede do lado norte do átrio.

Ao último grande momento de reestruturação do espaço palatino pertencerão, ainda, grandes edificações que fizeram parte do seu equipamento fundamental, destacando-se entre elas, desde logo, a monumental cisterna com capacidade para armazenar mais de 1 300 000 litros de água, sendo capaz de abastecer cerca de 1200 pessoas durante um ano e que podemos considerar como das maiores da Península Ibérica.

Os três enormes silos serão seus contemporâneos e permitiam conservar 132 000 kg de cereais, possibilitando o provimento de alimento essencial a cerca de seiscentas pessoas durante um ano. É possível que existam outras estruturas subterrâneas deste mesmo tipo no recinto do Castelo, embora as já reconhecidas deixem classificar esta fortificação como cida-

dela celeiro. Acresce que, na zona imediatamente a poente foi destruído, durante obras clandestinas ali ocorridas há alguns anos, verdadeiro campo de silos que bem poderia encontrar-se relacionado com a alcáçova.

Além do equipamento referido, não podemos esquecer o profundo poço existente no interior do Castelo, conhecido como Cisterna dos Cães, cuja água era captada através de nora, conforme demonstram restos de estruturas ainda ali existentes e os alcatruzes exumados, tanto no seu interior como nas proximidades.

A camada 2 da alcáçova de Silves dispõe, conforme anteriormente indicámos, de baliças cronológicas bastante precisas, correspondendo ao período de administração almoada/terceiras taifas, compreendido entre a sua reconquista de 1191 e a reconquista cristã de meados do século XIII. Durante aquele meio século processaram-se profundas remodelações nos três espaços habitacionais ali detectados. Estes eram articulados por rua e logradouro, que se abriram pelo menos a partir do Período Almorávida.

O espaço habitacional melhor definido corresponde a construção palatina, adossada à muralha, que denominámos Casa A. Tratava-se, por certo, de residência de importante personagem na hierarquia político-militar ou, melhor dizendo, de personagens, visto que, segundo os dados arqueológicos disponíveis, aquela estrutura terá sido edificada no segundo quartel do século XII (Período Almorávida), tendo pervivido, com alterações, até meados do século XIII, ou seja mais de um século e podendo, portanto, ser habitada por três ou mais gerações.

A Casa A possuía dois pisos e dois pátios, correspondendo um à zona semi-privada e o outro à zona privada, sendo equipada com complexo de banhos, aquecidos através de hipocausto. Ao período que temos vindo a tratar devem ser atribuídas diversas remodelações, certamente efectuadas após 1191. Entre aquelas contam-se a repavimentação de um dos pátios e do salão anexo, a reestruturação do jardim do segundo pátio e a remodelação de pequena cisterna, como a edificação de duas outras. É possível, que neste mesmo período, tenham sido efectuadas as decorações em estuque que ornamentavam as três arcarias de um dos pátios e a que dava acesso ao salão principal da casa, esta sobre capitel de mármore de puro estilo almoada.

O espólio recolhido na Casa A, ligado à vida quotidiana, é escasso e evidenciou ocupação fugaz após a reconquista cristã. De facto, apenas um cântaro foi encontrado esmagado, *in situ*, em uma sala dos banhos, e duas marcas de jogo, de cerâmica (Q165/C2-1; Q207/C2-1), jaziam no salão principal, tal como chave de ferro (Q205/C2-1). Parte dos grafitos ali reconhecidos, nomeadamente os que representam flores-de-lis, assim como alguns numismas portugueses, devem ser atribuídos a ocupação cristã subsequente à reconquista de Silves.

Outro dos espaços, que designámos por Complexo de Banhos, pode ter integrado o palácio do aristocrata governador do território de Silves, conforme parece indicar a maior área ocupada, ao centro da alcáçova, e a cota mais elevada que as restantes estruturas habitacionais detectadas.

O conjunto de espaços denominado Complexo de Banhos, incluía átrio de acesso, instalações sanitárias e balneário, devidamente compartimentado e provido de tinas, sendo servido, na zona quente, por hipocausto, assim como por jardim com grande canteiro, sendo possível que tivesse primitivamente sido utilizado como lago.

Tal como acontecia na Casa A, verificámos remodelações, em particular no canteiro existente no interior do grande pátio, cuja dimensão foi reduzida com a construção de compartimento sobre sector do passeador.

Uma das zonas do jardim era coberta e ali encontrámos restos de talhas, para guardar água, e de um queimador de essências, tendo-se acesso através deste espaço a comparti-

mento que pode ter servido de sala de massagens. Entre os artefactos exumados, cuja função específica se relaciona com as actividades desenroladas nos banhos, devemos referir a delicada pinça, frascos para perfumes e unguentos, de cerâmica ou vidro, assim como as talhas e o queimador referidos, tal como taças esmaltadas, muitas delas com requintada decoração incisa e estampilhada.

Além das funções de carácter higiénico e profiláctico que os banhos serviam, observa-se que eles integram espaço de lazer, correspondente ao jardim, onde seriam, eventualmente, servidas refeições no ambiente perfumado pelas plantas ali existentes e pelas essências usadas no queimador.

Descobrimos, na zona do jardim, esqueleto humano insepulto, caído de bruços e encontrado *in situ*, devido a morte violenta, provocada por virote de besta, cuja ponta encontramos alojada entre as costelas da região lombar esquerda. Verificámos que apresentava a mão fechada, sob o peito, sem nada no seu interior, explicável devido à dor provocada pelo impacto do projectil que o atingiu, entre a quarta e a quinta costelas. A posição da ponta metálica, assim como a disposição da mão, pressupõe que a arma foi disparada de local elevado, desenhando trajectória de cima para baixo, sendo provavelmente provinda do adarve, onde se encontraria o agressor, de frente para a vítima. O estudo anatomopatológico indicou tratar-se de indivíduo, do sexo masculino, com idade inferior a vinte e seis anos. Este espólio foi identificado sob nível de derrubes e de terras queimadas, reflectindo a feroz luta ali processada durante a conquista definitiva da alcáçova, pelos homens de D. Paio Peres Correia, de que perviveram, de igual modo, numerosos fragmentos de pontas de flecha, de virotes de besta e de outras armas, assim como balas de funda e de catapulta. A descoberta daquele espólio no interior do Complexo de Banhos indica o seu possível abandono após a conquista cristã, documentada, de igual modo, pelas numerosas peças de cerâmica completas e por algumas zonas com terras contendo abundantes carvões, indicando violento incêndio.

Pouco podemos acrescentar ao que já deixámos expresso sobre a Casa B. De facto, a sua escavação encontra-se no início, pelo que o reconhecimento dos espaços que a constituem, e a atribuição funcional de cada um, não pode ainda conduzir-nos a outras conclusões. Ela mostra entrada típica, em cotovelo e com pequeno átrio, reconhecendo-se parte de pátio central. Tal como a Casa A, também se encontrava adossada à muralha.

Entre aquelas duas vivendas existia logradouro, limitado no lado nascente pela muralha, tendo-se ali edificado, no Período Almoadá, possivelmente a partir de 1191 instalação que pudemos classificar como estrebaria ou armazém.

Sob aquela ocupação reconhecemos uma outra (camada 3), almorávida-almoadá e que terá pervivido até 1189, altura em que a alcáçova foi conquistada pelos Cristãos. Como testemunho daquele evento exumámos esqueleto humano, encontrado insepulto e *in situ*, fragmentos de pontas de flecha e de virotes de besta, assim como elementos de outras armas.

Do espaço habitacional ali existente foi possível reconhecer parte de dois compartimentos, dos quais apenas um se encontrava bem delimitado. Conforme vimos, muitas das estruturas existentes nesta camada terão sido reutilizadas no período subsequente dificultando, por isso, a sua compreensão.

Aquele período foi precedido por diferentes ocupações muçulmanas expressas em importante sucessão estratigráfica (camadas 4 a 9).

Reconhecemos partes de compartimentos ou mesmo compartimentos isolados nas camadas 4 e 5, cuja articulação e compreensão funcional não foi possível determinar.

Daquelas ocupações perviveram outros testemunhos, dos quais as cerâmicas são não só os mais numerosos, como os melhores indícios de diferenciação cronológica e cultural.

A camada cuja cronologia, tanto relativa como absoluta, indica pertencer a meados do século VIII ou aos inícios do século IX (C8), vem confirmar ocupação muçulmana, muito antiga, deste arqueossítio, que a informação escrita situa a partir de 713. Contudo, bem mais significativo é podermos determinar o impacto cultural do Islão e, nomeadamente, tanto dos seus contornos orientais, como magrebinos ou berberes, em aspectos da vida quotidiana de uma franja da população que, naquele período recuado, habitou a zona onde se ergue a alcáçova de Silves. A rara colecção de cerâmicas descobertas na camada 8 constitui, por ora, um dos reflexos que melhor pode caracterizar aquelas influências culturais e histórico-artísticas.

Conforme tivemos oportunidade de referir, as cerâmicas da camada 8, que assentava em estrato estéril em materiais arqueológicos (C9), não se tendo alcançado o substrato rochoso, patenteavam origens muito diversificadas. Assim, ao fundo cultural peninsular, de tradição tardo-romana ou visigótica-bizantina, pôde ser atribuído conjunto de peças, de fabricação local ou regional, que integrava, essencialmente, alguidar com cordões digitados, frigideiras e grandes pratos, com bordo muito espessado. Pequenos fragmentos, ainda ali recolhidos, com pastas de cor cinzenta e mal depuradas, um deles com linha incisa em ziguezague, devem pertencer a este mesmo horizonte. Os pratos irão desaparecer nas ocupações ulteriores, onde, no entanto, se conhecem outros tipos de frigideiras, de alguidares e de lucernas. De igual modo os cordões, muito relevados e com decoração digitada, não estarão presentes nos restantes níveis.

Os cântaros, as panelas, muito abundantes, e as pequenas taças de fundo plano ou tampas, sustentaram paralelos com achados mediterrânicos recuados, nomeadamente itálicos, desconhecendo-se, devido à escassez de estudos, sobre cerâmicas comuns, a sua existência no Norte de África.

Outras peças, como os púcaros e os jarros, são, possivelmente, de fabrico local, produzidos quiçá nas olarias de Silves, mas revelando já os novos contributos, técnicos e decorativos, próprios das culturas norte-africanas e, sobretudo, berbere. Este vector faz-se notar na própria inovação formal que constituem aqueles artefactos, na utilização de pastas mais finas ou na decoração pintada, de cor branca, sobre peças de cor vermelha, ou de cor castanha, negra, cor-de-laranja ou vermelha, sobre peças produzidas com pastas de cores claras. Estas ornamentações apresentam bandas reticuladas, conjuntos de ziguezagues largos, teorias de triângulos ou séries ponteadas, geralmente integradas em cartelas e que bem traduzem a concepção geométrica do espaço, tão cara aos muçulmanos. Deste conjunto destaca-se um tambor, peça rara nos contextos islâmicos peninsulares recuados, que reflecte, também, o requinte das comunidades aqui instaladas.

Por fim, raro núcleo de objectos importados do Médio Oriente, fabricados, possivelmente, nas oficinas de Susa, Sirjan ou Khurasan, importantes centros produtores daquele tipo de cerâmicas no século VIII, é formado por taças, esmaltadas, de formas elegantes e abertas; oferecendo uma delas, oito bonitos bolbos de lótus policromos, em tons de verde, azul turquesa e de cor negra.

A intrincada trama cultural de que são reflexo as cerâmicas da camada 8, do Período Omíada, perde-se, de certo modo, nos níveis seguintes. De facto, parecem desaparecer não apenas os contributos do mundo autóctone, reduzindo-se o universo das produções detectadas às formas islâmicas, mas, também, as belas peças exógenas (de que era exemplo, mais notável, a taça de bolbos), trazidas do Oriente pelos Omíadas, irão quase desaparecer, dando lugar às novas manufacturas peninsulares que as tentam reproduzir.

Na camada 6, que datámos dos finais do Emirato Omíada ou nos inícios do Califado, surgiu reduzido número de cerâmicas. Estas incluíam taças com decoração policroma assentes em fundos planos, que poderão ter sido fabricadas em Jiruft. Um tanto precoce-

mente em relação à informação adquirida, exumámos fragmentos de jarros e de taça, decorados com corda seca parcial, que, podendo ser fabricados no *al-Andalus*, terão antecedentes em exemplares orientais, nomeadamente nas produções de Susa. O facto, relevante, dos nossos trabalhos investigarem o interior de uma alcáçova, e a sua área palatina, terá de, logicamente, se fazer sentir na melhor qualidade dos materiais exumados, de acordo com o alto estatuto, político e social, de, pelo menos, parte da população ali instalada. Assim se explicará a existência de alguns materiais de excepção, capazes de conferirem prestígio aos seus proprietários.

O estrato ulterior (C5), do Período Califal, ofereceu conjunto de taças esmaltadas, com decoração policroma, certamente de fabrico peninsular mas seguindo protótipos orientais. Mostram fundos assentes em pé baixo, em anel, embora as paredes sejam mais espessas que as das taças da camada 8, e o bordo apresente lábio ligeiramente extrovertido. Sobre a carena observa-se ressalto característico destas formas, que poderão ter tido como principal centro produtor, e difusor, *Medinat-az-Zahra* ou Múrcia. Recolhemos neste mesmo estrato, fragmento de taça, com decoração epigráfica, em caracteres cúficos, de reflexo metálico. O tipo de pasta, muito fina, a boa qualidade tanto do esmalte como da pintura, assim como a forma, indica estarmos, de novo, na presença de peça claramente importada e cuja origem, como argumentámos, se localizaria no Egipto, podendo ter sido fabricada na oficina de *Muslim ibn-Dalhan*. É registado, pela primeira vez em Silves, estes dois tipos de valorização plástica, a pintura dourada e a epigrafia, que hão-de sobreviver até ao Período Almoada e, posteriormente, entre nasarís e mudéjares, onde têm enorme divulgação.

No entanto, além das cerâmicas recuperámos importante e rara placa insculturada, de marfim que, eventualmente, poderá ter sido executada nas oficinas cordovesas, muito possivelmente na de *Halaf*.

A camada seguinte (C4), atribuída ao Primeiro Reino Taifa de Silves, ofereceu peças de cerâmica, onde se destacam as taças com o pé baixo e anelar, sendo uma delas decorada com palmetas e outra com flor de lótus muito esquemática, de aspecto caligráfico, no interior do fundo.

Uma conta e fragmentos de frascos de vidro, assim como pequeno pedaço de estuque policromo, integram o espólio que, eventualmente, poderá provir do famoso Palácio das Varandas, cantado por *Al-Mutamide*.

O nível arqueológico correspondente à permanência almorávida-almoada (C3) mostrou grande enriquecimento, tanto em termos morfológicos como decorativos, em relação aos três grandes momentos anteriores. Recuperámos peças inteiras e fragmentos de outras e, entre elas, taça decorada na cor azul de cobalto, representando motivo estrelar de oito pontas. Dispomos de taças vidradas, decoradas com cordões na superfície exterior, assim como de novo tipo de painéis que irá ter maior expressão na camada ulterior. Provém desta camada rara representação antropomórfica feminina, que considerámos como sendo uma boneca. Ali reaparecem os alguidares, de superfícies brunidas ou engobadas, com perfis que hão-de persistir até aos nossos dias. Também surgiram formas como o almofariz, o bule e a ânfora, até ao momento desconhecidas mas com largos antecedentes no Mediterrâneo, assim como foi usada a corda seca parcial, decorando lucerna com bico longo, e recipiente fabricado com pasta clara, que mostra séries de pingos escorridos, de espesso vidrado de cor verde ou castanha melada.

Importa referir a bonita lucerna, de bronze, com dois bicos, peça requintada e rara, integrando contexto palatino.

Por fim, na camada mais escavada (C2), atribuída ao período compreendido entre 1191 e meados do século XIII (Período Almoada-Terceiras Taifas), foi recolhida enormíssima

quantidade e variedade de materiais cerâmicos, muitos deles decorados, com as superfícies brunidas, pintadas, esmaltadas, incisadas, impressas ou esgrafitadas, além de outros objectos de vidro, osso e metal, relacionados com o quotidiano, como anéis, pulseiras, alfinetes de cabelo, fusos de tear, cossoiros ou elementos decorativos de móveis, entre outros. Pontas de flecha e virotes de besta, tal como diferentes elementos de armas reflectem a violenta luta processada durante a conquista da alcáçova.

As grandes talhas, profusamente estampilhadas, os queimadores, os lavabos, as lamparinas de pé alto, as taças incisadas e as de carena acusada, estampilhadas no interior do fundo, surgem pela primeira vez, ilustrando importante renovação cultural e esplendor artístico sem equivalente nos reportórios de quaisquer dos períodos anteriores. Todas estas peças, assim como as que mais ou menos continuamente têm acompanhado a evolução da ocupação muçulmana do Castelo de Silves, podem ter sido fabricadas localmente, ou em oficinas situadas em outros pontos do Sul da Península, nomeadamente em Sevilha ou no Norte de África, como parecem querer demonstrar alguns dos paralelos coligidos. A iconografia utilizada nas suas decorações sugere, por um lado, a reabilitação da temática geométrica própria dos berberes, que havíamos logo reconhecido na camada correspondente ao Período Omíada, embora se façam sentir outras fortes influências magrebina e, maioritariamente, das produções atribuídas aos ziríades. Incluir-se-iam, neste caso, a utilização exaustiva de motivos estampilhados e o gosto pela utilização da decoração leteriforme e arquitectónica que, intercalando com elementos de temática fitomórfica e incluindo um ou outro animalista, se ligam a profundas raízes orientais. Já anteriormente mencionámos as possíveis origens das principais decorações registadas, tanto sob o aspecto técnico como iconográfico, que, apesar de popularizadas e integradas na actividade profana, assumiam, mesmo indirectamente, significação mágico-religiosa.

Por último, devemos registar o aparecimento, nesta mesma camada, dos fragmentos de taças com decoração de cor azul de cobalto, uma delas utilizando a técnica do bago de arroz e, ainda, taça e jarros mostrando a técnica do reflexo metálico. São peças, por ora, muito pouco comuns em Silves e que ali terão chegado através das intensas relações comerciais e políticas processadas, podendo algumas delas terem constituído ofertas. Cinco pequeníssimos fragmentos de jarras, fabricadas com pastas muito bem depuradas e de paredes finas, oferecem decoração esgrafitada, sobre fundo colorido com óxido de manganês, e devem ter origem em possível centro produtor da Andaluzia Oriental, próximo de Múrcia ou de Granada, onde tais cerâmicas são muito frequentes. Um dos fragmentos, recordando a omnipresença divina, tem escrita a palavra Alá.

Dispomos de alguns fragmentos de cerâmica que, embora estratigraficamente tenham integrado a camada 2, atribuída ao Período Almoada, a tipologia que apresentam não nos deixa dúvidas quanto à sua atribuição a episódio cultural anterior. De facto, o fragmento de lucerna (Q33/C2-4), contendo bico curto e largo na ligação com o reservatório, assim como a forma deste, indicam corresponder a peça do século VIII. Também fragmento com porção do fundo, plano, de taça (Q29/C2-3), exibindo decoração pintada em ambas superfícies, invulgar e sem outros paralelos em Silves, mas com semelhanças em peças de Nishapur, constitui elemento cuja cronologia deve ser idêntica à da peça antes mencionada. Poderão, eventualmente, corresponder àquele mesmo momento, outros fragmentos de cerâmicas cujas formas mas, sobretudo, as decorações mostram estreitas afinidades com peças procedentes dos estratos atribuídos aos inícios da ocupação muçulmana deste arqueossítio. Entre aqueles podemos assinalar dois fragmentos de jarros ou jarras (Q32/C2-7; Q33/C2-8). Contudo, algumas destas semelhanças podem dever-se à recorrência de aspectos da gramática ornamental, sobretudo sob influência das populações magrebina, nomeadamente

das mais tradicionais. Veja-se, a propósito, como alguns daqueles motivos decorativos e também certas formas são, ainda hoje, produzidos pelas oleiras do Rif.

Por outro lado, a presença de fragmentos, sempre de pequenas dimensões e por vezes de aspecto “rolado”, dos séculos VIII-IX, na camada que temos vindo a referir, é perfeitamente explicável devido às grandes obras então realizadas na alcáçova e que terão alcançado níveis contendo tais testemunhos. Do mesmo modo explicámos a presença nesta camada de alguns materiais romanos (Quadro XI).

QUADRO XI

Cerâmicas – pastas e tratamento das superfícies. Camada 2 a camada 8.

Pastas e sup Camadas	Claros esmalt. branco	Cl. esm. br. dec. azul	Claros br. de. re. me.	Cl. es. br. dec. v. cast	Claros esm. verde	Claros esm. cast.	Claros de corda seca	Claros ver. vidradas	Claros cor. sec. parcial	Claros manc. vidrado	Claros eng. esgr.	Claros	Vermelhas	TOTAIS
C2	979 1,35%	5 0,006%	11 0,02%	–	692 0,95%	4 0,005%	12 0,02%	3425 4,72%	5 0,006%	–	6 0,008%	9742 13,41%	38 399 52,86%	53 280 73,35%
C3	111 0,15%	3 0,004%	–	–	47 0,06%	–	–	342 0,47%	1 0,001%	1 0,001%	–	751 1,03%	4 064 5,59%	5320 7,32%
C4	17 0,02%	–	–	2 0,002%	–	–	–	46 0,06%	–	–	–	239 0,33%	2193 3,02%	2497 3,44%
C5	12 0,02%	–	2 0,002%	15 0,02%	3 0,04%	–	–	32 0,04%	–	–	–	211 0,29%	1428 1,96%	1703 2,34%
C6	–	–	–	8 0,01%	–	–	–	1 0,001%	4 0,005%	–	–	–	253 0,35%	266 0,37%
C8	–	–	–	62 0,09%	–	–	–	–	–	–	–	253 0,35%	9260 12,74%	9575 13,18%
TOTAIS	1119 1,54%	8 0,01%	13 0,02%	87 0,13%	742 1,02%	4 0,005%	12 0,02%	3846 5,29%	10 0,01%	1 0,001%	6 0,008%	11 196 15,41%	55 597 76,54%	72641 100%

A análise das cerâmicas exumadas no Castelo, tanto das peças completas como dos fragmentos, totalizando 72 641 exemplares, permitiu verificar que, conforme seria de esperar e dado tratar-se da área mais explorada, o maior número de tais testemunhos integravam a camada 2 (73,35%). Nas camadas correspondendo às ocupações anteriores o número de cerâmicas decresce sucessivamente, correspondendo este facto à menor área investigada de cada uma daquelas. Todavia, constitui excepção a camada 8 que, sobreposta por estrato estéril em termos de espólio arqueológico (camada 7), ofereceu 9575 exemplares, ou seja 13,18% do total das cerâmicas exumadas neste arqueossítio.

A análise das cerâmicas através das pastas com que foram produzidas, deixa constatar que, em termos estatísticos, as peças com pastas vermelhas constituem a percentagem mais elevada em todas as camadas (76,54%). O segundo conjunto mais numeroso foi produzido com pastas de cores claras, embora com número bem menor (15,41%), não se encontrando representado na camada 6.

A terceira classe de cerâmicas mais numerosa inclui exemplares fabricados tanto com pastas claras como vermelhas, mas oferecendo uma ou ambas superfícies vidradas. Apenas a camada 8 não continha qualquer peça deste tipo (Quadro XII).

QUADRO XII

Cerâmicas – formas e decorações. Camada 2 a camada 8.

Tipos	Camadas Formas	C2	C3	C4	C5	C6	C8	TOTAIS
Loiça de mesa	taças	4861 6,69%	407 0,56%	70 0,09%	78 0,10%	13 0,02%	9 0,01%	5520 7,6%
	pratos	–	–	–	–	–	3 0,004%	3 0,004%
	copo	1 0,001%	–	–	–	–	–	1 0,001%
	púcaros	2859 3,94%	152 0,21%	84 0,16%	133 0,18%	25 0,03%	608 0,83%	3861 5,32%
	jarro/jarras	7021 9,67%	866 1,19%	350 0,48%	183 0,25%	202 0,28%	379 0,52%	9001 12,40%
	bules	46 0,06%	7 0,009%	–	–	–	–	53 0,07%
	aguamanis	3 0,004%	–	–	–	–	–	3 0,004%
	garrafa	1 0,001%	2 0,002%	–	1 0,001%	–	–	4 0,005%
	trípode	5 0,006%	–	–	–	–	–	5 0,006%
	lavabo	2 0,002%	–	–	–	–	–	2 0,002%
	total	14 799 20,37%	1434 1,971%	504 0,74%	395 0,541%	240 0,33%	1081 1,364%	18 453 25,41%
	Loiça de cozinha	alguidares	379 0,52%	43 0,006%	6 0,008%	4 0,005%	1 0,001%	3 0,004%
almofariz		1 0,001%	2 0,002%	–	–	–	–	3 0,004%
frigideira		239 0,33%	29 0,04%	69 0,09%	10 0,01%	10 0,01%	522 0,72%	879 1,21%
panela		32 304 44,47%	2846 3,92%	1602 2,21%	1010 1,39%	4 0,005%	6543 9,01%	44 309 61,00%
cuscuzeira		2 0,002%	–	–	–	–	–	2 0,002%
total		32 925 45,32%	2920 4,02%	1677 2,31%	1024 1,41%	15 0,016%	7068 9,73%	45 629 62,81%
Loiça de armazenamento		cantis	14 0,02%	1 0,001%	–	–	–	–
	cântaros	4648 6,41%	531 0,73%	300 0,41%	212 0,29%	10 0,01%	1410 1,94%	7111 9,80%
	potes	60 0,08%	29 0,04%	2 0,002%	2 0,002%	–	–	93 0,13%
	ânforas	2 0,002%	–	–	–	–	–	2 0,002%
	talhas	127 0,17%	6 0,008%	8 0,01%	2 0,002%	–	1 0,001%	144 0,20%
	bases de talhas	1 0,001%	–	–	–	–	–	1 0,001%
	tampas	486 0,67%	56 0,08%	6 0,008%	4 0,005%	–	6 0,008%	558 0,77%
	total	5338 7,35%	623 0,86%	316 0,43%	220 0,30%	10 0,01%	1417 1,95%	7924 10,10%
Contentores de fogo	lucernas/ lamparinas	92 0,12%	26 0,03%	–	3 0,004%	1 0,001%	7 0,009%	129 0,17%
	queimadores de essências	3 0,004%	–	–	–	–	–	3 0,004%
	fogareiros	41 0,05%	12 0,02%	–	–	–	–	53 0,07%
	total	136 0,17%	38 0,05%	–	3 0,004%	1 0,001%	7 0,009%	185 0,24%
Actividade lúdica	tambor	–	–	–	–	–	1 0,001%	1 0,001%
	marcas de jogo	8 0,008%	–	–	–	–	1 0,001%	9 0,01%
	boneca	–	1 0,001%	–	–	–	–	1 0,001%
	total	8 0,008%	1 0,001%	–	–	–	2 0,002%	11 0,011%
Cerâmica industrial	alcatrúzes	5 0,006%	1 0,001%	–	–	–	–	6 0,008%
	manilhas	45 0,06%	2 0,002%	–	–	–	–	47 0,06%
	total	50 0,07%	3 0,003%	–	–	–	–	53 0,07%
outros	bacia	1 0,001%	1 0,001%	–	–	–	–	2 0,002%
outros	vasilhas	23 0,03%	300 0,41%	–	61 0,08%	–	–	384 0,53%
TOTAL		53 280 73,35%	5320 7,32%	2497 3,44%	1703 2,34%	266 0,37%	9575 13,18%	72 641 100%

Verificou-se, em relação ao tratamento dado às superfícies, que os fragmentos oferecendo uma ou ambas superfícies esmaltadas, de cor branca, embora tenham sido registados nas camadas 2 e 5, constituem, em termos estatísticos, percentagem pouco significativa (1,54%). Os exemplares mostrando as superfícies esmaltadas de cor verde são ainda menos que aqueles (1,02%) e foram registados nas camadas 2, 3 e 5.

Observou-se que as peças esmaltadas de cor branca, exibindo decoração de cor verde e castanha (policromas), foram assinaladas somente nas camadas 4 a 8 e constituem percentagem (0,13%) mais elevada que os exemplares com ornamentação de corda seca total (0,02%), presentes na camada 2, ou de corda seca parcial (0,01%). Esta última técnica foi assinalada tanto nas camadas 2, 3 e 6.

Certo tipo de decorações, como a utilização do azul de cobalto (0,01%), manchas de vidro (0,001%) ou do engobe negro e esgrafito (0,008%), foram registadas apenas nos níveis correspondendo às ocupações almorávidas e almoadas. Outras, como a decoração de reflexo metálico (0,02%) e a de corda seca parcial detectaram-se tanto em níveis antigos como em outros mais recentes.

Em relação às formas reconhecidas, as taças, púcaros, jarros, jarras, alguidares, frigideiras, panelas e cântaros, foram recuperadas em todas as camadas. A maior diversidade formal foi assinalada na camada 2 a que correspondem, conforme mencionámos, maior número de fragmentos exumados. Certas formas, como o prato e o tambor, foram identificadas, apenas, na camada 8. Foi, também, nesta última camada que encontramos maior número de frigideiras. As variações nas percentagens das formas das cerâmicas exumadas, nomeadamente pertencentes ao trem de cozinha e à baixela de mesa, devem, por certo, relacionar-se com a evolução dos hábitos alimentares, reflectindo aspectos tanto económicos como sócio-religiosos.

NOTAS

1. Os códigos cromáticos correspondem às *Munsell Soil Color Charts* e, por isso, devem entender-se como aproximados.

Os desenhos que ilustram este volume foram executados pelas Dr^{as} Ana Cristina Machado Nunes, Cristina Gaspar e Margarida Carmo.

As fotografias são da autoria de Arqt^o Mário Varela Gomes.